

FOGUETÃO

SEMANÁRIO JUVENIL PARA O ANO 2000



CAPITÃO MARTE

PILOTO DO FUTURO

em O PLANETA DESCONHECIDO



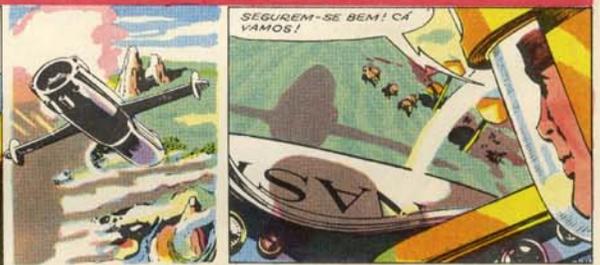
ESTAMOS PRECISAMENTE SOBRE O LOCAL ONDE AVISTAMOS AS TAIS LUZES!

OS DETECTORES VERTICAIS MOSTRAM A EXISTÊNCIA DE ÁREAS PLANAS; TALVEZ UM AEROL ONDE POSSAMOS ATERRAR!



VAMOS TENTAR!

NA ÚLTIMA ETAPA PARA ATINGIRMOS TERRA 2, O CAPITÃO MARTE E GENERAL ATENÇÃO E FOGUETE PREPARAM-SE PARA DESCEM NA SUPERFÍCIE DO MISTERIOSO PLANETA!



SEGUREM-SE BEM! CÁ VAMOS!



BELO TRABALHO, FINALMENTE, TERRA 2!



DELA LEITURA DOS INSTRUMENTOS, PODEMOS SAIR PARA O EXTERIOR DA NAVE!

É MELHOR TRAZERES CONTIGO O TRANSDUTOR UNIVERSAL, FOGUETE, NO CASO DE PRECISARMOS DE FALAR COM ALGUÉM!



CAUTELOSAMENTE, OS TRÊS COMPANHINHOS ABANDONARAM A NAVE...



QUE TRANQUILIDADE! DE'E QUE PAISAGEM MARAVILHOSA!



JULGO QUE O AR É RESPIRÁVEL E QUE PODEMOS TIRAR OS CAPACETES!

DEIXEM-ME EXPERIMENTAR PRIMEIRO!



QUE TAL FOGUETE?

ESTUPENDO!

CONTINUA

O «FOGUETÃO» TIRA O CHAPÉU!



Entre as muitas e inequívocas manifestações de apreço que temos recebido por motivo do aperfeiçoamento do «Fogueteão», e que recordamos não com vaidade mas com o júbilo de vermos compreendidos os nossos objectivos, queremos hoje salientar três ou quatro, pelo seu significado especial.

Assinalamos, em primeiro lugar, as palavras que nos foram dirigidas por Eurico Fonseca, sem dúvida o português mais abalizado em assuntos de astronáutica, cujo nome adquiriu já o maior prestígio além-fronteiras. Diz-nos o ilustre cientista, cuja colaboração nas colunas do nosso jornal vai ser em breve um facto: «Era disso que os nossos jovens precisavam». E salienta, depois, na sua carta, que os artigos do «Fogueteão» são «mais correctos e completos do que a quase totalidade dos que se podem ler em muitos jornais e até em revistas de nomeada, incluindo a própria «Science et Vie».

Por sua vez, o dr. Fernando de Carvalho Costa, director da Escola Comercial Ferreira Borges, junta os seus aos aplausos de muitos professores e pedagogos, classificando este semanário de «publicação impar no nosso país».

Sensibilizaram-nos também profundamente as referências que nos foram dirigidas pela direcção de «Les Editions du Lombard» — que publicam o famoso «Tintin», um dos melhores jornais infantis do mundo. Por último, endereçamos os nossos agradecimentos ao semanário juvenil «O Mosquito», um jornal com brilhantes tradições e, decerto, com um não menos brilhante futuro. Os oficiais do mesmo ofício — entre nós, ao que parece, até no jornalismo infantil... — costumam gostar de cortar na casaca do parceiro. As palavras de «O Mosquito» desvaneceram-nos e afiguram-se-nos uma bela lição de camaradagem que todos deveriam ter presente. Não é só com histórias, melhores ou piores, maiores ou mais pequenas, que se faz um jornal para jovens. É, sobretudo, com dignidade em todas as atitudes.

A todos, o «Fogueteão» tira o chapéu...

Pilots Chiefs

Com entusiasmo sempre crescente chegam-nos centenas de respostas ao nosso inquérito

O MUNDO NO ANO 2000

A princípio foram às dezenas. Agora atingem as centenas, as respostas dos nossos leitores ao sensacional inquérito que lançámos. Não se admirem nem se zanguem, pois, aqueles que não virem as suas previsões nestas colunas. Não é possível publicar todas essas centenas de cartas que nos chegam em cada correio.

Ao mesmo tempo, queremos prevenir os nossos amigos do inconveniente que há em se repetirem, em dizerem por outras palavras o que já disse o leitor A ou o leitor B. Assim não tem graça, hem? Originalidade acima de tudo! Originalidade e... bom senso. Sim, porque fazer uma previsão não é... dizer coisas absurdas, impossíveis... Bom! Então entendidos? Bem firmes nestes dois princípios, vamos ler as respostas da semana.

HAVERÁ COMPREENSÃO NO MUNDO E UMA VIDA MAIS FELIZ PARA TODO AQUELE QUE TRABALHA

— eis a opinião do Edmundo da Silva e Sá



Antes de vos dizer o que acontecerá no ano 2000, dou-vos sinceros parabéns e agradecimentos por nos publicarem um jornal meigo da nossa era.

Nos primeiros dias de 2000, ficaremos espantados com o que virmos, até vamos parecer que estamos na Lua. Veremos carros ultra-modernos, a andarem sem gasolina, veremos aviões a jacto andarem a uma velocidade super-sónica. De noite veremos como de dia sem o auxílio da electricidade.

Veremos coisas em que nem acreditamos, e chegaremos entre 2000 a 2050 à Lua. Nessa era haverá compreensão no mundo, uma vida mais feliz para todo aquele que trabalha.

Edmundo Caetano da Silva e Sá
Idade: 16 anos
Profissão: barbeiro

COM A AJUDA DE DEUS, O HOMEM JÁ HÁ-DE TER DESCOBERTO A CURA DO CÂNCRO

— afirma o Eduardo Silva



A minha opinião sobre o ano 2000 é a seguinte:

Não creio que no ano 2000 se ande de nave espacial. Seria evolução de mais em trinta e oito anos. Quanto aos famosos comprimidos que só por si substituiriam as refeições, é quase impossível. Jamais o homem perderá o gosto que tem pela gastronomia, não falando no volume de alimentos que o estômago necessita para poder trabalhar.

Uma coisa boa é de esperar para o ano 2000: Um entendimento maior entre todos os povos do globo terrestre e até dos habitantes de outros planetas, se acaso os há... Que não haja guerras, nem inimizades, que todos vivam como uma grande

família amiga e unida, enfim, que já se tenha compreendido que pondo a amizade e a paz acima da guerra e de todas as malquerenças, tudo teremos a ganhar.

Também, com a ajuda de Deus o homem já há-de ter descoberto a cura para o cancro e para tantas outras doenças a nível de cura desconhecida que tantas vidas tem ceifado.

Será maravilhoso o dia em que partindo para férias se ouça dizer: — Vou passar uns dias no Hotel X no cimo do Everest! — Vou passar as férias a uma estância de repouso no Mato Grosso. Será formidável esse dia! A questão é esperar. Nada é impossível.

Eduardo Manuel Baptista da Silva
Idade: 16 anos
Empregado no Comércio

AS CIDADES SERÃO CONSTRUIDAS SOBRE CAMADAS DE «AR ESTÁVEL»

— prevê o Rui Ferreira Narciso



Dirigi-me ao professor K, cientista desconhecido na Terra, mas bastante famoso em Marte, para que este, na sua qualidade de amigo, me pudesse proporcionar uma viagem, no tempo, e assim saber o que seria o ano 2000.

Eis-me no ano 2000! A máquina do tempo depositara-me, invisível, numa das muitas artérias de Nova Iorque, que só lembra a antiga, na medida em que um único monumento foi conservado: A estátua da Liberdade!

Estupefacto admirei os «spasseios», que assim como as «ruas», são «tapetes metálicos» que rolam. As «ruas» já não servem para carros, e apenas se diferenciam dos «spasseios», por estes possuírem bancos que se movem conjuntamente com eles.

Os prédios, são de uma altura superior a vários quilómetros, e se se desceja ir do rés-do-chão ao último andar, utiliza-se o «elevador atómico». Os carros não existem na cidade.

As pessoas vestem fatos de uma única peça, feita de um tecido esponjoso, que se adapta perfeitamente ao corpo, dando-lhe uma temperatura

que pode ser modificada, consoante o desejo do possuidor.

Ao longe avisto um edifício que me atrai pela sua grandza.

Deixo-me conduzir pelo «tapete rolante» que constitui o «spasseio» e entro no edifício, que é uma escola.

A escola está dividida em vários pavimentos. Cada pavimento é formado por uma sala cheia de máquinas, semelhantes às que em 1961 servem para tirar micro-radio-grafias.

É o invento em que todos os estudantes de 1961 pensam. A máquina das Ideias! São introduzidos na máquina, por meio de «foto-gravações» todos os conhecimentos adquiridos até aquele momento. O indivíduo, sempre que quer, geralmente de ano em ano, introduz-se na máquina e esta, por meio de «telepatia», transmite-lhe todos os conhecimentos das «foto-gravações». Deste modo, ninguém se pode considerar de mais inteligente.

Contudo, de todas as maravilhas que a ciência do ano 2000 me pode proporcionar, há uma que só bastante tarde noto:

— A cidade encontra-se estacionada no ar!!!

Sim! Como são necessários terrenos para culturas, as cidades tiveram de ser construídas sobre camadas de «ar estável», para a agricultura se poder efectuar, ainda que por processos ultra-modernos. A cidade estava também coberta por uma cápsula, transparente e construída com um material indestrutível, mas que permitia a passagem de ar e de todos os veículos, pessoas e objectos, não bélicos. Desta maneira está assegurada a paz mundial.

Sob a cidade, «lâmpadas artificiais» alimentadas por geradores atómicos, substituem o Sol, tão necessário às plantas, para a sua produção de clorofila. Assim, graças a estas lâmpadas, é possível a reprodução do mundo vegetal, que sem elas morreria, pois os raios solares não conseguem chegar à cidade e por conseguinte chegar ao solo.

É altura de regressar, para relatar ao «Fogueteão» parte do que vi!

Rui Armando Ferreira Narciso
Idade: 15 anos
2.º ano da Escola Comercial Veiga Beirão.

OS PROFESSORES SERÃO SUBSTITUÍDOS POR MÁQUINAS!

Muitas outras respostas a este curioso inquérito têm chegado à nossa redacção. Porque se assemelham, porém, muito às já publicadas, achamos preferível não as reproduzir. Queremos, no entanto, salientar a graça ingénua das descrições fantasistas do Fernando Manuel L. Gonçalves, com os seus desenhos a lápis; os comentários filosóficos do João Afonso; e a afirmação do Vasco Pereira, de que os professores serão substituídos por máquinas.



FERNANDO GONÇALVES

VASCO PEREIRA

CONCURSOS DO «FOGUETÃO» RESULTADOS DO N.º 5

A 1.ª Etapa da 2.ª Volta, iniciada no número 5 do «Fogueteão», caracterizou-se por dois numerosos pelotões, nos 18 e nos 17 pontos: Nenhum concorrente atingiu os 20 pontos.

Entre os que se colocaram no primeiro pelotão, coube a vitória a Carlos Coutinho, residente na Rua Francisco Sanches, Lisboa, a quem foram já enviados os três livros policiais.

A melhor classificação da Palavra Misteriosa — SERPA PINTO — foi dada por Mário António de Jesus Neto, de Algés:

«Um dos maiores exploradores portugueses do século passado. A sua acção desenvolveu-se no continente negro, tendo feito a travessia de Benguela à Cafraria, corrigindo certos conhecimentos do inglês Livingston».

OUTRAS CLASSIFICAÇÕES: 19 PONTOS

Jorge Alves Pires, FCI, Carlos Coutinho, Duo K, António Carlos Moura Viana Parreira, Fernando Alberto Carreira Malheiro da Silva, Jocar, H. de Albuquerque, Alfredo Manuel Montezuma Carvalho Santos e Inspector Ramon.

18 PONTOS

Carlos Alberto Gil Moreira, Vitor Manuel da Silva Mineiro, António Maria Pacheco de Noronha, Linda, João Manuel Branco Lisboa, Carlos Branco Lisboa, Orlando da Fonseca Cabrinha, Betty, Carlos António Marques da Silva, José de Oliveira Soares, António Augusto Horácio Fernandes, Joaquim Fernando Corção Duarte, Carlos José Andral da Silva, Carvalho, D-Ralph Kay, Sherlock Anador, Sherlock de trazer por casa, Zé Ninguém, Mário António de Jesus Neto, José Manuel Guedes Freire, Magda Bigotte de Figueiredo, Inspector K, Pedro Laranjeira, João do Nascimento, Manuel Mattos Rodrigues de Oliveira, Maria de Fátima Simões, A. H. de Oliveira, Inspector Negro, Francisco Neves Pereira, Luís João da Silva Mateus, Inspector Jac, Pima, Luís António B. P. Lopes, António Oliveira Moniz Barreto, Fernando Ferreira Gaspar, David Castro Dias, Manuel Mário Correia de Almeida, Admar Carvalho, Inspector Interplanetário, Raul Governo, José Maria Santos de Oliveira Machado, Gonzalo José Pires de Carvalho, José Pedro dos Santos Girão Calheiros, Luís Filipe Ataíde Rodrigues Dias e Piloto Misterioso.

15 PONTOS

Inspector Yard, Eugénio Amândio Rodrigues Trigo, Agente Secreto, Fernando Lima Simões, Manuel José de Freitas, Força, Basílio José Santos Martins e Vladimiro Franklim.

14 PONTOS

Joãoquim Correia Silva, Nuno F. Pires, António Jorge Escada, Dinis Pestana, João Wemans, Filipe Marques Reis Andrade e Artur Manuel Campos Reis.

13 PONTOS

Vitor Dias da Silva, Carlos Alberto Rodrigues Camarate, J. Kelmann e Skeleton e C.ª

12 PONTOS

Frisco
Celso José Marques da Costa.

10 PONTOS

Manuel Jacinto P. Nobre, Avelino Corbal Simões Azevedo, Luis Meneses, José Manuel G. de Oliveira, Alberto Arons Braga de Carvalho, Alberto Bernardes Costa, GEB e Ildio António d'Avayla Seródio.

Na próxima semana: resultados da 2.ª etapa desta Volta!

Assinaturas	Trimestre (13 números)	Semestre (26 números)	Ano (52 números)
Continente e ilhas.....	29\$00	55\$00	104\$00
Ultramar.....	—	57\$60	109\$20
Brasil e Espanha.....	—	57\$60	109\$20
Outros países.....	—	75\$80	145\$60

Preço especial para a remessa por via aérea

FOGUETÃO PASSA A ESCUTA E RESPONDE... «E NÓS, AS RAPARIGAS?»

Escreve-nos um grupo de alunas do Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho uma carta muito simpática de que reproduzimos a seguir o trecho essencial:

«O vosso semanário tem uma apresentação admirável, como nunca se fez em Portugal. Os rapazes devem de estar radiantes. E nós, as raparigas?»

É evidente que o «Fogueteão» não é um jornal elaborado especialmente para meninas. Mas não vemos em que é que a maioria das suas histórias e artigos não poderão interessar às jovens de hoje. Se até já se diz que o primeiro homem a ir à Lua será uma mulher...

Estamos, no entanto, dispostos a estudar as sugestões das nossas leitoras, no sentido de lhes reservarmos um cantinho especial. Mas esperamos que outras raparigas se pronunciem, indicando-nos as suas preferências.

MENSAGENS SECRETAS

Sugere-nos o nosso leitor de Torres Vedras que usa o pseudónimo de «Santo» uma secção de criptografia. A ideia já estava há muito na primeira gaveta do nosso armário de planos e iniciativas. Não houve, ainda, foi tempo para a tirar cá para fora. Tencionamos, de facto, apresentar regularmente «mensagens secretas» que só poderão ser decifradas por aqueles que possuírem a respectiva chave. Isso não impedirá, entretanto, que se promova um concurso a ver quem nos arranja um novo e original método de correspondência secreta...

C. Lima (Lisboa) — Confesso que não tenho bem a certeza de ser este o teu nome, pois a assinatura estava quase ilegível e o postal não trazia remetente. Caríssimo amigo, se és assim um apaixonado pelas coisas de electricidade, tens agora um verdadeiro brinde na nossa secção «Rádio-Fogueteão». Também na secção respectiva encontrarás regularmente pequenas engenhocas para construir.

FOGUETÃO SEMANÁRIO JUVENIL

DIRECTOR: ADOLFO SIMÕES MULLER

Editor M. M. Motta Cardoso — Propriedade do E. N. P. — Redacção e Administração: Avenida da Liberdade 266 — Composto e Impresso nos officios graficos do Anuario Commercial de Portugal



O ENIGMA CHINÊS

Romance de YVES DUVAL
Ilustrações de EDOUARD AIDANS

UM GRANDE ROMANCE DE MISTÉRIO E AVENTURA

UM AUTÊNTICO GOLPE TEATRAL

— Compreendes o chinês? — perguntou Vernon a Buster Webb, ainda meio atordoado com a descoberta.

— Menos mal. Na Coreia servi um ano de intérprete para interrogar os prisioneiros e censurar o correio.

— Então lê-me este texto, meu rapaz! Talvez seja de molde a fazer-te mudar de opinião acerca da inocência do teu amigo Li-Fang.

E Buster, intrigado, decidiu em voz alta: «Muito respeitável coronel. O nosso departamento acaba de informar o Comando Supremo dos esplêndidos resultados obtidos até agora pela sua equipa. Os últimos documentos fotográficos que nos anunciaram parecem ultrapassar muito em importância todos os outros informações que já nos forneceu. Não confie a ninguém o cuidado de os remeter a mais depressa possível. Faça-o o senhor mesmo e será para si a ocasião de receber a recompensa merecida por uma missão tão felizmente realizada».

— Então que me dizes a isto? — lançou Vernon. — Acho que o meu velho faro não me enganou.

— É incrível! — balbuciou Webb — É preciso deixar-lhe a mão imediatamente, assim como a Molsen, a Jim e a todo esse bando de patifes.

— Escuta! — respondeu Vernon. — Como Li-Fang não parece desconfiar ainda de ti, vais tu mesmo apanhá-lo e de mansinho, se for possível, no seu camarim do «music-hall». Entretanto, eu me encarregarei dos outros. Compreendes?

palhaço de nariz rubicundo, sobranceiras enormes em acento circunflexo.

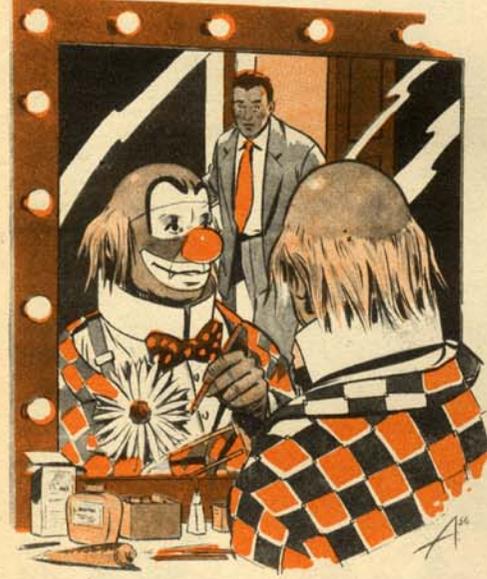
— Oh! Desculpe, peço-lhe! — balbuciou Buster. — Devo ter-me enganado no camarim. Julgava que era o do meu amigo Li-Fang, o atirador de facas.

— Não... Não se enganou no camarim — tornou o palhaço, muito afavelmente. — O que esqueceu é que hoje é sexta-feira e mudámos de programa. A pessoa que procura já não está no cartaz esta semana.

— Ah! Já não está! E pode dizer-me se ele trabalha agora em qualquer outro teatro da cidade? — Acho que não. Ainda há pouco quando eu entrei ia ele a sair com todo o seu material. Como levava muitas malas, pediu ao porteiro que lhe chamasse um taxi. Se não me engano, disse ao motorista que o levasse ao aeroporto. Parece-me que tinha um contrato para a Florida. Mas o contrato é que o pode informar bem a esse respeito.

— Muito obrigado. E mil desculpas por esta entrada intempestiva no seu camarim.

Buster tornou a descer a escada



— Compreendo! — respondeu Buster Webb, verificando o carregador da sua pistola automática.

— Ele costuma chegar ao teatro por volta das oito horas. Encontramo-nos, portanto, às oito e meia na central da Polícia.

— Sé prudente e boa sorte! — desejou Vernon apertando-lhe a mão.

O rapaz sentia-se satisfeíssimo. Era uma bela ocasião para mostrar a sua habilidade e merecer os galões que ambicionava.

As oito horas e cinco entrava pela porta da caixa do «Variétés» e dirigia-se resolutamente para o camarim do chinês.

Junto da porta apurou o ouvido. Li-Fang devia estar lá dentro a maquiá-lo, pois ouvia mexer nos botes de cremes.

Sem bater, Buster abriu, num gesto decidido. Na mão direita abertava no fundo da algibeira a coronha do revolver, preparado como estava para qualquer surpresa.

— Oiça! — disse uma voz grossa. — Que diabo quer você? Que manéras!

No espelho do toucador que ficava na sua frente, acabava Buster de ver, em vez da cara de Li-Fang, a face espantada de um

e avistou o porteiro, um homem gordo que fumava cachimbo.

— Trazia um recado urgente para o meu amigo Li-Fang. Mas disseram-me que tinha partido para o aeroporto, onde deve embarcar para a Florida.

— Para Jacksonville, sim, senhor. O tipo ia afilto, porque o avião partia daí a vinte e cinco minutos e com as dificuldades de trânsito por essas ruas...

— O. K. meu velho! — gritou Buster atirando-lhe com uma moeda de agradecimento.

E, como se tivesse o diabo atrás de si, galopou empurrando os transeuntes, para a esquina da avenida onde havia uma praça de taxis.

Se bem que não tivesse grandes ilusões sobre a sua possibilidade de alcançar a casa em fuga, Buster não pôde impedir-se de barafustar quando um funcionário cheio de galões o informou de que o avião para Jacksonville já tinha deixado a pista havia uns bons minutos. Qual não foi o seu espanto ao verificar que na lista dos passageiros figuravam, com o nome de Li-Fang, os de Nel Molsen e de Jim Bratt.

— Maldição! — gemeu o ex-sargento. — Eles previram o golpe. O melhor do bando acaba de levantar ferro nas nossas barbas!

ter compreendido que o seu jogo tão hábilmente escondido fora descoberto. Se Vernon já não receber o meu telegrama a tempo de os apanhar à chegada, são capazes de nos escapar. De qualquer modo, eis-me a braços com toda a embrulhada...

Buster tentou ainda uma dúzia de vezes apanhar Vernon pelo telefone no hotel. Mas de todas elas lhe responderam que ainda não tinha voltado. Já o rapaz estava cansado de passear de cá para lá, quando, finalmente, o alto-falante convidou os passageiros a embarcarem.

O bimotor descolou na noite. Instalado na sua poltrona, Buster entregava-se aos mais contraditórios pensamentos. Por vezes via-se conseguindo prender como por encanto todo o bando. Um segundo depois dizia a si próprio que tinha sido idiota em entrar assim para o avião para ir cair em terra desconhecida, onde, entregue a si próprio, não tinha, logicamente, uma pro-

babilidade sobre um milhão de encontrar aqueles que procurava. Finalmente, com a cabeça em fogo, à força de reflectir sobre a sua situação sem saída, começou a dormir, quando o farol de Jacksonville e as luzes da cidade apareceram no solo.

Dez minutos depois, ao sair do edifício do aeroporto sem saber para onde dirigir os seus passos, foi abordado por um homem de gabardine esverdeada e chapéu castanho.

— Não é por acaso Mr. Webb? — perguntou o desconhecido, ao mesmo tempo que exibia uma chapa redonda de cobre com a dguia dos Estados Unidos e um escudo onde se viam as letras fatídicas: F. B. I.

— Sou eu... Como foi que soube que...

— Bob Durban da Polícia Federal — respondeu o homem, guardando a chapa. — O comissário Vernon preveniu-nos pelo rádio da sua chegada. Identificámos os três suspeitos assim que desembarcaram do avião. Os nossos inspettores vigiam agora o hotel onde eles se hospedaram. Tenho ali o meu carro. Entre, Mr. Webb. Vou conduzi-lo imediatamente ao hotel para acabarmos com isto.

— Ah! Inspector! Se soubesse quanto a sua presença me tran-

quiliza! — exclamou Buster — Ainda há pouco perguntava a mim próprio como ia arranjar-me sáznho nesta cidade...

Mas quando o jovem ex-sargento entrava no carro cujo motor estava já a trabalhar, deparou com Li-Fang, Molsen e Jim Bratt, que lhe opontavam três pistolas.

na próxima semana: «REUNIÃO FAMILIAR»

PARA OS MAIS VELHOS
O «CAVALERO ANDANTE»
E OS SEUS
ÁLBUNS MENSAIS
PARA OS MAIS NOVOS
O «JOÃO RATÃO»
POPULARES EDIÇÕES JUVENIS E INFANTIS DA EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE

Michel TANGUY O CÉU DE GLÓRIA

E EM BREVE...

BASTA, TANGUY! VAMOS DESCER.

PORQUÊ? NÃO QUER MAIS?

O QUÊ?! MAS... MAS QUE SIGNIFICA ISTO?

LEMBRE-SE DA NOSSA APOSTA. SE PARARMOS QUANDO UM DE NÓS ESTIVER FATIADO, SE NÃO ESTÁPOS SO CONTINUAR.

OÍÇA, TANGUY! BASTA, JÁ LHE DISSE! ENTENDEU? TRATE MAS É DE FAZER UMA ATER- RAGEM PERFEITA.

SIM, MEU TENENTE.

BOM... TALVEZ TENHA SIDO UM POU- CO FORTE, O MEU TENENTE JÁ TINHA AGUENTADO O LÁBER DURE E EU DEVI- TER IDO UM POU- CO MAIS DE MAN- SINHO.

E TANGUY ENCE- TOU UMA VIRAGEM IMPECÁVEL.

VAMOS! COMECE A DESCER!

MAS, NO MOMENTO EM QUE O APARELHO SAIA DA VIRAGEM ESE ENDEIRETAVA...

DEMONÍO! QUE VEM A SER ISTO?

WRRRRRRRRR

COM UM IMPERTURBA- VEL SANGUE-FRIO, MICHEL TANGUY FEZ UMA VIRAGEM DE CA- TÁSTROFE, DEMASIADO TARDE! BRUSCAMENTE, O APARELHO VIU-SE ENVOLVIDO, ARDADO, ABSORVIDO PELA TEM- PESTADE VIVA POR CEN- TENAS DE MILHARES DE ENORMES GAFANHOTOS, EM FILAS CER- RADAS E COMPACTAS.

OH! UMA NUVEM DE GAFANHOTOS! VIRE! VIRE OU ESTAMOS PERDI- DOS!

EM POUCOS SE- GUNDOS, O AVIÃO FICOU COBERTO DE UMA LAMA VIS- COSA E SANGREN- TA, QUE SE METIA POR TODAS AS EN- TRADAS DO AR.

O... O MO- TOR ESTÁ A FALHAR!

COM EFEITO... INSTANTÊ- NIA E IRREMEDIÁVEL- MENTE ENTUPIDOS PELA MAS- SA ESCORREGADIA DOS GA- FANHOTOS ESMAGADOS, OS REACTORES ACABAVAM DE PARAR.

TANGUY, LARGUE O COMANDO E SALTE! DEPRESSA! VOU TENTAR SALVAR O APARELHO... MAS NÃO CREIO QUE SEJA POS- SÍVEL...

TENHO MUITA PENA, MEU TENEN- TE. MAS EU FICÓ!

CONTINUA

AS LIÇÕES DE JOSÉ ÁGUAS

**ATENÇÃO AOS JOVENS «TÉCNICOS»!
(NÃO SE FAZEM OMELETAS SEM OVOS...)**

Nos meus tempos de estudante, a rapaziada tinha por hábito agrupar-se em pequenos clubes, com dirigentes, técnico e até maçoista... Disputavam-se torneios entre turmas e a preparação das equipas era, por vezes, a sério. Nessa altura, havia sempre um ou dois, mais sabichões, que se arvoravam em treinadores.

Suponho que vocês também organizam equipas e escolhem os respectivos técnicos. É para estes, especialmente, a minha lição de hoje.

Convido os dirigentes:

- a) Ajudar ao desenvolvimento físico e mental do jogador, promovendo-lhe a aquisição de coordenação do espírito e do corpo.
- b) Ensinar os princípios fundamentais e elementares do jogo.
- c) Desenvolver a faculdade do jogador em cooperar com os companheiros, ou seja, cultivar nele o espírito de equipa.
- d) Proporcionar-lhe a prática de jogos que requeiram aptidões similares às que o futebol exige.

Na verdade, é importantíssimo que se dê atenção à cultura das aptidões gerais, físicas e mentais, para que o jovem praticante saia um futebolista completo. É essencial que se cuide da boa condição física e se evite o excesso de esforço, que na mocidade pode ser fatal. Lembrem-se vocês de que os erros praticados na juventude, mesmo que, na altura, não produzam más consequências, virão a reflectir-se, mais tarde, ou encurtam a duração do atleta apto.

Além disso, é necessário que o jogador tenha, de facto, aptidão para o ofício, que possua o ABC. E o que entendemos por tal?

Eu vou citar-lhes os pontos fundamentais:

- 1— Correr com facilidade, rapidez e determinação.
- 2— Fazer, rapidamente, meia-volta, retraindo a corrida, e obliquar com a mesma ligeireza, para qualquer dos lados.

3— Saber chutar, com força e precisão, com ambos os pés, recebendo e dominando uma bola vinda de qualquer direcção.

4— Controlar a bola, estacando bruscamente, driblando, ou passando.

5— Saber travar, correctamente, o adversário.

6— Jogar de cabeça com precisão.

7— Combinar o seu jogo com os dos companheiros, habituando-se a compreender a maneira de eles actuarem.

Claro que, para se aperfeiçoar em todos estes pormenores, o candidato necessitará de muita paciência e aplicação — precisamente o que mais falta aos nossos jovens...

Mas um estado e uma prática daquilo a que poderemos chamar os hábitos do jogo, virão a fornecer uma perfeita automatização, passando os movimentos a sair naturalmente, os reflexos tornar-se-ão automáticos e, enfim, tudo parecerá fácil. Assim, o futebolista poupa-se, fornecendo, aliás, o máximo rendimento, com economia de esforços, como se pretende.

Existe um sem número de exercícios, interessantes e, ao mesmo tempo, divertidos, que ministram o tal ABC do futebol. Num próximo capítulo, procurarei expor-lhes a maior parte deles. Verão como aprendem sem se enfiarem com o treino. Mas tenham sempre presente que o organismo se fatiga rapidamente, se repetirem sempre os mesmos exercícios, puramente mecânicos. É preciso, como princípio essencial à manutenção do interesse do praticante, variar os esquemas.

Não pensem, no entanto, que com a teoria toda e alguma prática se garante o jogador perfeito. Claro que não. É também necessário que se nasça para o futebol, que se tenha temperamento e faculdades mentais adequadas. A rapidez de execução depende muito da rapidez de raciocínio, da agilidade e do hábito, ou seja, do treino aturado, metódico e, sobretudo, levado a cabo com desejo de aprender sem pressas.

CURIOSIDADES



ESTA PIRÂMIDE EM OROGRAFIAS É CONHECIDA POR "CASTELO" ENCONTRA-SE NO LUGARITO (AMÉRICA CENTRAL) E É DESTINADA AO CULTO DO DEUS MAIA KURULKAN.



A 8 DE NOVEMBRO DE 1895, DESCOBRIU MULHER NE ROENTGEN, GRAÇAS A UM ACIDENTE CASUAL, OS RAIOS X TAMBÉM CONHECIDOS PELO NOME DO SEU DESCOBRIDOR E QUE TÃO GRANDE IMPORTÂNCIA TEM TUDO NOS PROGRESSOS DA MEDICINA.



EM ALGUMAS TRIBOS AFRICANAS HÁ O COSTUME DE OFERECER UMA PULSEIRA DE COIUVAS DE GIRAFAS ENTRELACADAS À MULHER COM QUEM SE PRETENDE CASAR, QUANDO ESTA O DEVOLVE, QUER DIZER, QUE O NOIVO NÃO LHE AGRADA.



AS PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES SOBRE A EXISTÊNCIA DAS MANCHAS SOLARES DEVEM-SE AOS ASTRÓNOMOS CHINESES. A TUA REFERÊNCIA NA ENCICLOPÉDIA DE MONTAN-SI, CIENTISTA QUE VIVEU CENT ANOS ANTES DE CRISTO.



O PERUANO GEO CHAVEZ CONSEGUIU ELEVAR-SE A 2.000 METROS DE ALTITUDE, NUM APARELHO BLENDIOT. FOI O PRIMEIRO AVIAADOR A VOAR SOBRE OS ALPES (SOBREVIOU O SIMPLON) MAS, AO ATERRAR, SOFREU UM ACIDENTE QUE LHE CAUSOU A MORTE.



A ARMADILHA DIABOLICA

POR E. P. JACOBS

NUM INSTANTE, MORTIMER ENCONTROU-SE MERSULHADO NA ATMOSFERA ATRADADORA DA SUA PRIMEIRA VIAGEM.



...ENQUANTO, NO CONTADOR, AS DATAS COMEÇAVAM A DESFILAR A UMA CADÊNCIA DESENFREADA.



QUANDO, POR FIM, O PROFESSOR RETOMOU O AUTO-DOMÍNIO, NO ESPECTÓGRAFO CENTRAL BRILHA VA UMA INTENSA LUZ VERMELHA.



SANTO DEUS! ONDE ESTOU EU AGORA?

COM TODAS AS SUAS FORÇAS, MORTIMER PROCUROU CONCENTRAR-SE.



É INÚTIL TENTAR ENCONTRAR O MOMENTO PRECISO DA MINHA PARTIDA, VISTO QUE O SELECTOR FOI SABOTADO. TENTEMOS APENAS VOLTAR AO SÉCULO XX. DEPOIS SE VERA...

E MORTIMER PÓS-SE A PENSAR CRUTAR O QUADRO DEBORDO.



COMO HEI-DE LOCALIZAR A MINHA POSIÇÃO AS VARIAÇÕES DE COR DO ESPECTÓGRAFO DE CERTO SIGNIFICAM QUALQUER COISA... MAS O QUE? TENHO QUE PROCEDER POR TENTATIVAS.

E, NUM GESTO PRECISO, PUXOU A ALAVANCA AMARELA. A PARAGEM FOI BRUTAL, COM UM SILVO, O APARELHO POSSUÍU TÃO RUDEMENTE, QUE MORTIMER FICOU UM MOMENTO ATORDOADO.



POR FIM PÔDE ABRIR A PORTINHO E...



DE UM SALTO, PÔS OS PÉS NO SOLO.



MAS... A PLATAFORMA DESAPARECEU! ASSIM SE EXPLICA ESTE CHOQUE...

PANICO, PASSOU À CRIPTA PRINCIPAL, QUE PARECIA VAZIA.



MAS... NÃO HÁ VESTÍGIOS DOS APARELHOS DE MILHO.

OH! UMA LUZ!

OLHANDO, HESITANTE, AVISTOU LUZ NUM CANTO AFASADO.

AO APROXIMAR-SE COM PRECAUÇÃO, DESCOBRIU UM ARCHOTE PRESO À PAREDE. A SUA CHAMA ILLUMINAVA OS PRIMEIROS DEGRÁUS DE UMA ESTREITA ESCADA...



CONTINUA

CLUBE DO MISTÉRIO



DOIS DEDOS DE CONVERSA...



De vez em quando é necessário pedir-lhes que se sentem conosco à volta desta mesa, para trocarmos algumas impressões. Por exemplo, estamos cheios de curiosidade em conhecer a vossa opinião acerca do «Clube do Mistério» e atrevemo-nos a fazer-lhes algumas perguntas:

Qual dos testes que apresentámos até hoje lhes agradou mais? Gostariam que se organizasse um pequeno Torneio de Problemas Policiais?

Que tal se preparássemos depois uma equipa para representar o «CLUBE» além fronteiras?

Parece-lhes que seria útil publicarmos alguns breves lições sobre a maneira de escrever problemas e contos policiais?

Gostariam que instituíssimos um prémio para distinguir a melhor produção?

Seria agradável estudarmos a maneira desta página se tornar num Clube de verdade, com «matinées» policiais e tudo?

Bem, por hoje já chega de perguntas!

Ao vosso inteiro dispor e sinceramente muito curioso em conhecer a vossa opinião fica o

INSPECTOR VARATOJO



Uma das qualidades mais necessárias ao bom investigador, é, como nunca nos cansamos de repetir, o espírito de observação.

Quando apenas numa simples fracção de segundo nos é dado observar uma pessoa, quantas das suas características conseguimos reter para possibilitar mais tarde uma identificação?

Sabemos como é difícil, nesse caso, dizer talvez se o homem tinha olhos azuis ou verdes, se tinha nariz aquilino ou arrebitado. Mas podemos com certeza fixar a configuração do seu rosto, se tivermos uma noção perfeita dos diversos tipos mais usuais de faces.

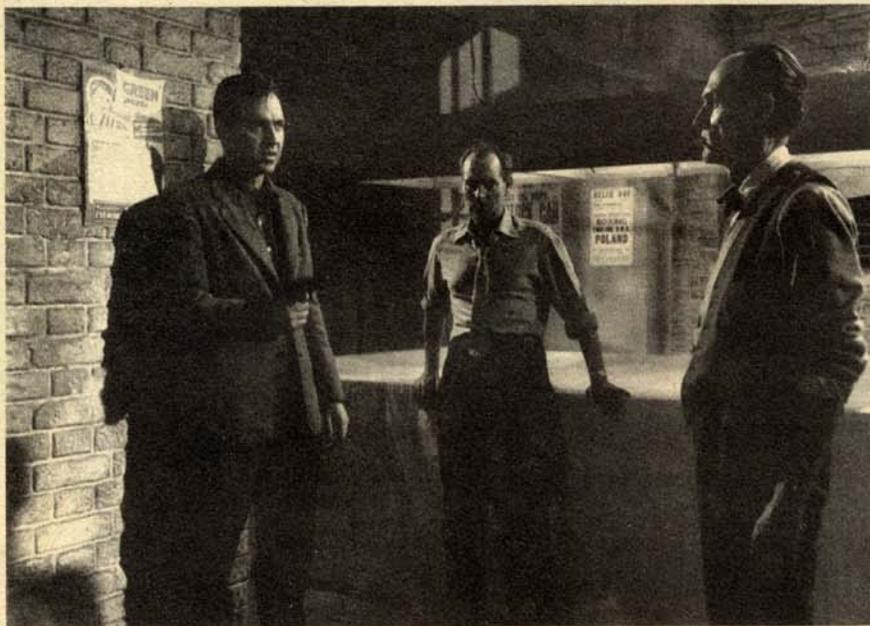
Deste modo está facilitada a investigação, quando qualquer dos leitores for chamado a depor.

Não terá sido fixado outro pormenor importante, mas apostamos quase nenhuns dos membros do «Clube do Mistério» deixará de reparar se o homem suspeito tem face Redonda, Quadrada

O BOM DETECTIVE, TEM DE SER BOM OBSERVADOR

Aqui têm outro dos testes que tanto êxito obtiveram junto dos membros do «Clube do Mistério».

Observem esta gravura atentamente durante «um minuto» no máximo e depois, sem tornarem a olhá-la durante cerca de um quarto de hora, peguem outra vez no jornal e respondam às perguntas que publicamos invertidas para evitar «tentações»...



1 — O homem que empunha a arma está ou não a fumar?
2 — O indivíduo do meio usa relógio? Em que pulso?
3 — O homem sob a ameaça da arma, Repetiu-se se por acaso o que tem a pistola é canhoto? Porque diz isso?

Volte a observar a fotografia e depois veja se acertou:

Em 4 respostas ... Excelente espírito de observação.
Em 3 respostas ... Bom.
Em 2 respostas ... Enfim, não é mau de todo!
Em 1 resposta ... Bem, o melhor é praticar mais um bocadinho...

MORTE A CEM À HORA!

PROBLEMA NÚMERO 10

Eram 11 horas da noite. Eu tinha acompanhado o Comissário Esteves ao Porto, por causa de determinadas investigações. Depois do jantar, sem termos nada que fazer, pusemo-nos a deambular pelas ruas da cidade.

Chovia, mas sob os nossos impermeáveis nem um nem outro pensávamos em nos abrigar. Caminhávamos silenciosos. A cidade estava calma e adormecida. À parte o cair da chuva, eu apenas ouvia de vez em quando o crepitar do cachimbo do Comissário, provocado pelo tabaco em brasa atingido por qualquer pingo de água.

Numa rua estreita, que evocava curiosamente a atmosfera da Idade Média, avistámos de repente uma

silhueta indistinta que parecia caminhar em ziguezagues.

— Um que bebeu demais! — murmurou o Comissário.

Eu aprovei:

— Que grande «carga» ele leva!

O homem embriagado passou junto de nós fazendo sérios esforços para conservar o equilíbrio. Os seus passos hesitantes afastaram-se no escuro. E, de repente, ouviu-se o ruído de um motor que arrancava. Voltei-me. Surgindo de uma rua transversal, um carro com todos os faróis acesos avançava para a silhueta cambaleante. Encandeado pela luz crua, não pude ver o número, mas vi que se tratava de um «Jaguar» grande, com matrícula de



Inglatera. Houve um grito de agonia, o transeunte foi projectado sobre o passeio como um boneco desarticulado e o carro desapareceu a 100 à hora.

Mas já o Comissário se debruçava sobre a vítima:

— Está gravemente ferido? Que assassino, aquele tipo!

Em voz débil, o sinistrado murmurou:

— Não foi desastre, foi crime! A minha... a minha fortuna... Os meus herdeiros...

—

Meia hora mais tarde, estávamos investigando o caso no domicílio da vítima, um advogado um tanto ou quanto dado à vida nocturna. Chama-

Sobrecomprida, Rectangular ou Triangular.

Estes são os tipos mais comuns e apresentados hoje em desenhos, inspirados no quadro usado pelo Departamento Policial da Cidade de Nova Iorque.

O n.º 1 mostra uma face redonda a que o próprio corte de cabelo dá uma configuração circular.

O n.º 2 apresenta um rosto quadrado, como se nota por comparação com o pequenino quadrado desenhado do seu lado direito.

O n.º 3 é ilustrado por uma face esguia, sobrecomprida, onde o queixo pontiagudo tem papel preponderante.

O n.º 4 tem rosto rectangular, com corte de cabelo «à alemão», que, ajudado pelo fecho da cabeça, apresenta verdadeiramente um rectângulo.

O n.º 5 é de fecho triangular de vértice para cima, visto que os maxilares e a própria gordura do pescoço são mais largos, do que a cabeça.

O n.º 6 é precisamente o triângulo inverso, de vértice para baixo, identificado esse vértice com o queixo.

Certamente não será necessário grande esforço para procurar nas reminiscências da memória rostos conhecidos que se enquadram perfeitamente dentro destes seis tipos que apresentamos hoje.

Constituirá um exercício engraçado classificarem as faces dos amigos e familiares, comparando-os com este quadro. Mas àqueles para quem os exercícios de observação e memória são já tão imprescindíveis como o pequeno almoço, oferecemos um outro teste. Reputamo-lo muito útil para a ginástica do raciocínio.

TIPOS DE FACES



1. REDONDA



2. QUADRADO



3. SOBRECOPRIDO

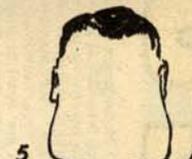


4. RECTANGULAR



C
←
D

E depois de descobrir os dois que estão certos sabe a quem pertence a metade A, a B, a C e a D? Sabe!... Então, parabéns.



5. TRIANGULAR



6. TRIANGULAR

naquela noite e que alguém o levara sem sua autorização.

Cesar Moreira declarou:

— Eu saí no meu carro, um Peugeot 403...

E Mário Castro:

— Fui ao cinema e voltei depois da meia-noite... Levei o carro do meu pai, um «Mercedes»...

Pensativo, examinei os fatos dos três suspeitos: Mário Castro vestia um fato cinzento, absolutamente seco; Cesar Moreira só tinha molhada a manga direita do seu casaco de desporto. Quanto a Rui Pinheiro, apresentava as bainhas das calças encharcadas.

— Qual deles será o culpado? — murmurou o Comissário Esteves.

— Vou dizer-lho... — repliquei.

Leitor: quem foi que, voluntariamente, esmagou o advogado? Qual é o pormenor que acusa o criminoso?

A CORDA CORTADA (SOLUÇÃO)

O culpado largou a faca no momento exacto em que a corda cedia. Portanto, não teve tempo de a limpar para apagar as impressões digitais... Sem dúvida a deixou cair desastrosamente. A ausência de impressões digitais culpa o pintor Brás, cuja mão direita, completamente envolvida numa ligadura, lhe permitia que manejasse a arma sem deixar vestígios. Era ele, portanto, o culpado.



para quê? Naturalmente que tem muita graça desvendando os segredos dos reis do segredo — e isso mesmo procura o «Foguetao» fazer na sua seção «Artes Mágicas» — mas, por mais minuciosamente explicados que sejam os truques, acreditem: não serve de nada! Todo o segredo da coisa está na destreza do prestidigitador, nos discursos com que ele acompanha o seu trabalho, tornando possível o que impossível parecia.

Essa destreza, essa leveza de mãos, representa horas e horas de trabalho. Um bom prestidigitador leva anos a formar-se. Quase sempre um veterano ensina ao jovem aprendiz os truques clássicos, elementares. Dia a dia, este repete os mesmos gestos até que se tornem maquinais, de uma precisão a toda a prova, até que os acessórios de que se serve evoluam nas suas mãos sem quase ser preciso pensar neles.

Há prestidigitadores cujo material ocupa quase toda a cena, outros que trazem os acessórios na algibeira. Esse material deve estar à altura da categoria do artista e do luxo da sala onde ele se exhiba. Bolas de cores, plumas, lenços de seda, flores de papel, cartas de jogar serão mais ou menos belos e valiosos conforme pertencem a um prestidigitador famoso ou a um modesto artista de feira. O mesmo se pode dizer do guarda-roupa. Tudo isso, porém — acessórios e guarda-roupa — se compra. A América edita todos os anos luxuosos catálogos de material para prestidigitadores. É só escolher...

O que se não compra, o que se não vende, é a destreza, é a arte de apresentar um número.

Em primeiro lugar, o ilusionista deve «agarrar» o público, fazer-lhe acreditar, no incrível, admitir o impossível. Por vezes, parece querer explicar-lhe o truque... mas é para melhor o surpreender.

Mirelido, um dos mais famosos ilusionistas, costuma usar desse estratagem no número da «mulher serrada ao meio». (Vejam o nosso n.º 3 onde explicamos este truque). A mulher está na clássica caixa de madeira que Mirelido corta com uma enorme serra. Mas, quando o trabalho já vai bastante adiantado e que uma parte da serra desapa- reça na caixa, o artista vira-se para o público, pisca o olho e diz: — Enganei-os! Julgavam que eu estava a serrar «por cima» da mulher... Mas não repararam que a certa altura a serra passou «para baixo»...

(continua na pág. 8)

MÁGICOS da ilusão

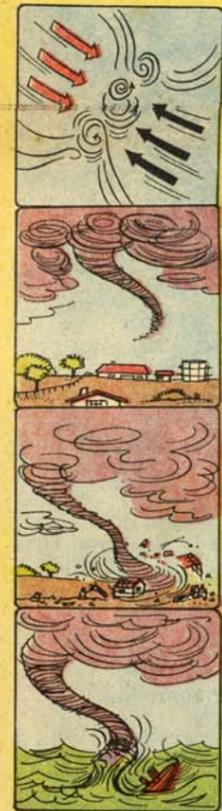
DESVENTURAS DO ZACARIAS



Certa noite, durante uma festa a bordo de um transatlântico, um marinheiro aproximou-se do comandante, informou-o de que o navio estava prestes a explodir. Para que os passageiros não se tomassem de pânico, o comandante chamou um ilusionista que fazia parte do espetáculo e pediu-lhe que distraísse imediatamente um número que distraísse a assistência.

Depois de ter instalado rapidamente o seu material, o ilusionista disse para o público: — Senhoras e senhores, vou executar o maior truque da minha vida. Vou contar até três e o navio irá para o fundo.

E contou. No momento em que dizia «três», ouviu-se o ruído de uma explosão e o navio afundou-se. Momentos depois, o ilusionista encontrava-se numa jangada em pleno oceano, com outro naufrago. E de repente este perguntou-lhe: — Não sabe mais nenhum truque? Naturalmente que isto não passa de uma anedota. Mas a verdade é que reflecte perfeitamente o estado de espírito dos espectadores de um número de ilusionismo: ficam maravilhados com os truques que lhe apresentam... mas acreditam. Não perguntam «Como é que fez?», pedem mais. Aliás, explicar



COMO SE FORMA UM CICLONE?

Esse tremendo flagelo da Natureza produz-se quando massas de ar seco e frio encontram correntes de ar quente e húmido, formando vários remoinhos no ponto do encontro. Depois, uma coluna em forma de funil desce das nuvens para a terra, ao mesmo tempo que o movimento de rotação expulsa o ar para o exterior, fazendo assim o vácuo no interior desta imensa espiral.

Reparem agora: forma-se um núcleo de nuvens da largura de uma estrada, e, com a velocidade centrífuga de 800 quilómetros horários, a coluna desloca-se à velocidade de 10 a 80 quilómetros por hora.

E acontece então o inevitável: no interior da coluna o vácuo faz estalar tudo o que estiver cheio de ar: casas, gasómetros, pneus e até mesmo os pulmões do homem e dos animais. No mar, esse vácuo aspira enormes quantidades de água. Forma-se uma tromba de água e nas cercanias o nível da água desce. E após a passagem do ciclone as águas sobem de novo, produzindo nas margens incríveis devastações.

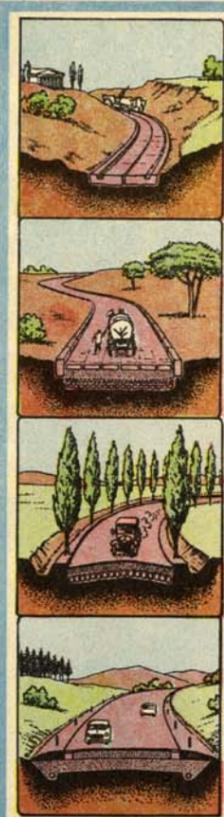
É esta, em poucas palavras a história do ciclone — felizmente! — vida do ciclone e do muito que destrói em tão pouco tempo.

Joe Tormenta em O RAPTO DA CIENTISTA



— E há quanto tempo engoliu o caroto?

— Ah! Paulinho! Se eu te apanho...



ESTRADAS DE ONTEM E HOJE

As boas estradas testemunham a força de um Estado, a vida económica florescente de um país, o nível elevado da sua técnica. Os antigos empregavam como base na construção das estradas pedras lisas e chatas que serviam de pavimento, e abriam várias pistas de forma adequada às rodas dos seus carros.

Os romanos cobriam a terra com pedras e cal, depois com pedras do tamanho de um punho, que, por sua vez, eram cobertas com cascalho. As construções destas estradas — algumas das quais ainda existem — era completada com grandes pedras lisas.

Com o aparecimento do automóvel, as exigências tornaram-se maiores. Primeiro entraram-se no solo grandes pedras cobertas de saibro e de areia, em seguida espalhou-se uma camada de alcatrão.

Hoje, a areia e o saibro misturados a uma matéria viscosa constituem a base das estradas. Um revestimento de betão permite fortes cargas e as grandes velocidades dos veículos. Estas estradas são resistentes aos gelos e pouco poeirentas.



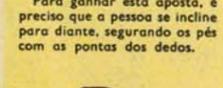
Querem apostar? ...que não são capazes de apanhar uma moeda colocada à frente dos pés!



...que não são capazes de dobrar o joelho sem que lhes segurem a perna!



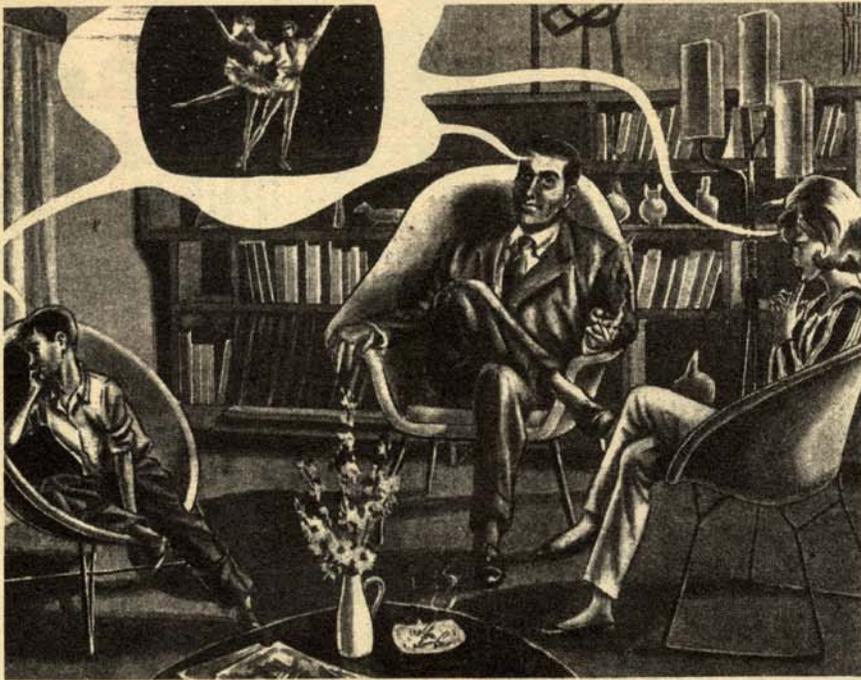
Neste caso é preciso colocar a pessoa de lado contra a parede. E verá que, por mais que faça, o amigo submetido à experiência não é capaz de dobrar o joelho da perna esquerda.



...que não podem avançar 10 cm saltando! Para ganhar esta aposta, é preciso que a pessoa se incline para diante, segurando os pés com as pontas dos dedos.



1. Na manhã seguinte... 2. Eis Katmandou. 3. Antes de mais nada, vamos ter com o chefe do aeroporto. 4. É isto! Somos amigos do jovem Chang, uma das vítimas da catástrofe do Gosainthan e queremos dirigir-nos ao local do desastre. O senhor, que sabe como foi organizada a expedição de socorro, poderá ajudar-nos a realizar o nosso projecto? 5. Seria indelicado perguntar-lhes por que motivo desejam ir a Gosainthan? 6. Porque estou convencido de que Chang não morreu. E quero ir procurá-lo. 7. Mas é uma loucura! Os senhores não avaliam decerto as dificuldades e os perigos de tal expedição? 8. Este está a enervar-me com o seu elástico... 9. Não são arriscaríamos a vida, como a arriscariam de forma absolutamente inútil. Porque mesmo que o vosso amigo tenha sobrevivido ao desastre, morreu depois, de fome, de frio, de esgotamento. 10. Estou forte de lho repetir! 11. Ah! Ah! Ah! 12. Oh! Desculpe... 13. Hem!... Senhor, Chang é meu amigo. Apesar de todas as aparências, sinto que ele está vivo. Sejam quais forem as dificuldades que nos esperam, quero tentar encontrá-lo. 14. Seja!... Note que estou convencido de que um guia consentirá em acompanhá-los. Mas, para os assegurar, vou pôr-me em contacto com os sherpas que formaram a expedição de socorro. 15. Agradeço-lho sinceramente. 16. Vê?... Toda a gente sensata é da minha opinião: o que vai fazer é uma loucura! 17. Chang está vivo, capitão! 18. Tintin está vivo! Tchong está vivo! Tudo isso porque souhu com ele! Também eu esta noite sonhei com Napoleão e lá por isso não o julgo vivo! Mas eu, eu, não sou uma espécie de sanábulo! Eu vejo por onde ando! 19. Cuidado!



UM DIA... O NOSSO CÉREBRO PODERÁ VIR A SER UM... RECEPTOR DE TELEVISÃO

O caso ficou decidido entre os cientistas de vários países. Paris será a sede do estado-maior mundial que vai coordenar as pesquisas científicas sobre o cérebro. Havia já alguns anos que esses mesmos cientistas sonhavam com a Academia Planetária das ciências do cérebro. É que, em sua opinião, tornava-se cada vez mais urgente proteger tão precioso órgão humano e defendê-lo energeticamente dos inúmeros assaltos da civilização moderna. Sempre, ao longo de vários séculos, a medicina e a biologia trabalharam contra as terríveis epidemias da peste e da tuberculose.

Por fim, as regras da higiene física foram descobertas e depois adotadas quase unanimemente nos países civilizados. Lavar as mãos parece-nos hoje um cuidado absolutamente banal, mas ainda não há três séculos se julgava que a sujidade era indispensável para assegurar uma boa saúde e que constituía uma carapaça impermeável aos «germes de contaminação». Todos esses erros foram emendados. Mas, por muito estranho que pareça, todos nós estamos quase totalmente desprovidos das mais elementares noções de higiene mental. De há uma dezena de anos para cá, as doenças mentais multiplicam-se de forma dramática. Nenhuma categoria social escapa ao flagelo. O perigo espanta a cada passo: ruídos das cidades, ritmo de uma existência cada vez mais mecanizada e... medo!

Em menos de um dia chego-nos a narrativa de castástrofes acontecidas no fim do mundo. Como vai longe o tempo em que o homem tinha apenas os cuidados pessoais, os da sua família

ou, quando muito, os da sua aldeia ou do seu bairro! Nos nossos dias, as tragédias e as angústias dos outros continentes entram-nos pela casa dentro e vêm constituir para nós motivo de preocupação.

E então o cérebro ressent-se. Surgem os psicoses. Acredita-se no fim do mundo para amanhã, no perigo das radiações atômicas, na ofensiva de misteriosas doenças e na chegada dos discos-voadores...

E ENTÃO! SERÁ PRECISO RETOMAR O CAMINHO DAS CAVERNAS?

Encaremos o problema de frente. Será preciso deter o progresso e destruir todas as máquinas, condenar de antemão os aviões comerciais super-sônicos, deter o desenvolvimento da televisão?

Não! Tal empresa seria não só absolutamente impossível, mas daria como resultado empurrar os homens para o caminho das cavernas. O que devemos fazer é tornar o nosso cérebro absolutamente invulnerável. Como?

A esse respeito, um grande cientista francês, o Dr. Alfred Fessard, diz-nos que em boa verdade ele e os seus colegas por enquanto estão apenas a desbravar caminho. Já determinaram que o nosso cérebro é composto por quinze bilhões de células nervosas, cada uma delas funcionando como um tubo electrónico de receptor de rádio. Essas células nervosas, também chamadas neurões, são tão pequeninas que seria preciso colocar quinhentas ao lado uma das outras para cobrir uma linha

com um milímetro de comprimento. Contrariamente às outras células do nosso organismo, os neurões têm a deplorável particularidade de morrer sem que se formem substitutos para prosseguir a sua missão. Mas a verdade é que, se o cérebro se renovasse, ao fim de um certo tempo teríamos perdido a nossa personalidade...

Orgulho do homem, o cérebro é o órgão que mais o distingue dos animais. A quem devemos a nossa superioridade sobre o mundo animal? Ao cérebro? À mão?

Todos sabemos que é possível construir mãos mecânicas quase tão hábeis como a mão humana e, em certos casos, muito mais fortes do que ela. Mas nunca foi possível construir uma réplica do cérebro humano.

Sim! Sim! Bem sabemos que vão apontar o exemplo do cérebro electrónico. Mas, caros amigos, o cérebro electrónico, se é capaz de calcular ainda mais rapidamente do que nós, é absolutamente incapaz de criar seja o que for. Olhem um cérebro electrónico a escrever um poema ou uma peça teatral! Impossível, hem? O cérebro electrónico trabalha, é certo, faz os mais complicados cálculos... mas é exactamente como o papagaio loiro que diz: «Ólá, ó Bom dia, patrão!» — porque lho ensinaram.

Mas o nosso rico cerebrosinho, esse é milhares de vezes mais complexo que o mais vasto conjunto de centrais telefónicas. Registrador de milhões de impressões simultâneas, o cérebro humano desempenha o papel de um chefe: o simples gesto que é afastar um dedo da chama de uma vela, é ordenado pelo

cérebro e exige milhares de operações efectuadas por bilhões de células.

Tem sido por intermédio dos animais que os cientistas vão descobrindo os segredos do funcionamento do cérebro. Para traçar, por exemplo, o mapa do cérebro de um rato, cravam-se-lhe electrodos — no cérebro, claro! — e por esses electrodos se faz passar uma corrente eléctrica. A cada zona excitada pela corrente correspondem ilações diferentes. Dessa forma se consegue saber que tal região do cérebro comanda as patas de trás, as da frente ou a cauda.

E assim, de ponto em ponto, se desenha um mapa reproduzindo o funcionamento do cérebro do animal, mapa que se assemelha ao esquema de um posto de rádio.

Os cirurgiões obtêm dessa forma um documento que lhes permitirá avançar um pouco, pois encontram no homem os traços fundamentais do mapa esboçado graças ao rato.

Nos nossos dias, as técnicas de estudo do cérebro estão tão aperfeiçoadas que é possível registar as descargas eléctricas de um neurón. Fundamentando-se nessa sensacional experiência, um cientista americano julga que, no futuro, bastará aplicar no crânio umas antenas especiais para recebermos directamente no nosso cérebro as emissões de televisão, com imagens e som. Numa família, cada pessoa escolherá a emissão que mais lhe agradar supondo, evidentemente, que existam vários canais. E assim a televisão reinará em toda a parte e a toda a hora!

Mas já pensaram como será aborrecido encontrar na rua um amigo que parece ir na lua e dizer-lhe:

«— Pál Como estás tu! Muito prazer em ver-te!» e receber como resposta: «— Um momento! Não me interrompas. Estou a ver o meu programa preferido.» Que quem? O progresso também tem os seus inconvenientes.

MÁGICOS DA ILUSÃO

(Continuação das páginas centrais)

O público faz «Ah!» e fica todo contente por ter compreendido. E então o artista acrescenta:

— Ah! Mas agora vou serrá-la a sério!

E desta vez, se o público faz «Ah!», é por não ter percebido nada... Quanto aos nossos leitores, já sabem como a coisa se faz...

Um público difícil para os ilusionistas é o público infantil, porque, ao contrário do que se julga, engana-se menos facilmente uma criança do que um adulto.

A criança está com os cinco sentidos alerta, quer saber como é, observa, não perde nada do que se passa no palco. E depois uma pessoa crescida, mesmo que julgue ter compreendido qualquer coisa de insólito, não diz nada. A criança não guarda a mesma reserva e não faz cerimónia para gritar da plateia:

— O que é que tem na outra mão? Que barulho foi esse na sua algeibra?

Cuidado pois, futuros ilusionistas nossos caros leitores, com a perspicácia infantil.

O ilusionista é como um trapezista que brinca com o perigo. Mas aqui o perigo é... que o público dê pelo truque. Aliás, um número, mesmo perfeito, não é para todos os públicos. O gosto dos espectadores evolui e a cada passo é preciso procurar coisas novas. Qualquer de nós sabe perfeitamente que o prestidigitador não trespassa «de verdade» o braço com uma faca. Mas não raro acontece que ingénuos habitantes de regiões menos civilizadas — em especial, no Médio Oriente — acreditem no que que vêem e não compreendam que graça possa ter um homem furar o seu próprio braço de lado a lado. E o número não resulta... o truque falha.

Aliás, no mundo materialista em que vivemos, há momentos em que é agradável acreditar no maravilhoso, deixar-se uma pessoa embalar por esse desconhecido cheio de mistério que se chama Ilusão...



O ilusionista Mirelda executa o truque clássico: trespassar o braço com uma faca. O ilusão é completa, pois o sangue jorra abundantemente



Miguel Seldow, famoso ilusionista, apresenta a levitação de cartas formatogigante. Os espectadores escolhem algumas cartas, depois o artista baralha-as e, em seguida, como por milagre, as cartas escolhidas saem do baralho e elevam-se no espaço

OS MISTÉRIOS DA ALTA ESPIONAGEM NUMA AVENTURA SENSACIONAL

POR **Whe**

O SOL NEGRO





DOS

ARQUIVOS DO F.B.I. IMPRESSÕES DIGITAIS

O estudo das impressões digitais não é, como poderíamos ser levados a supor, uma descoberta dos nossos dias, porque há já muitos séculos o homem notou as diferenças que existiam entre os desenhos papilares.

Na velha China — e quantas dezenas de séculos lá vão! —, a marca de um polegar estampada em argila servia de selo identificador. Marcas semelhantes se encontram em documentos jurídicos japoneses. Reis e potentados orientais usaram também as impressões digitais como selos. No Museu Britânico, há uma placa de argila onde se descrevem as ordens recebidas por um oficial de justiça babilónico, encarregado de confiscar propriedades, efectuar arrestos e obter as impressões digitais dos acusados.

Como daqui se desprende, o sistema de identificação não é novo, embora mais tarde e durante muito tempo jazesse no esquecimento.

É possível que a primeira aplicação prática das impressões digitais nos últimos séculos se tenha dado em 1822, quando um geólogo que trabalhava no Novo México teve a ideia de estampar as marcas dos seus dedos nas ordens que dava por escrito, atravessando-as depois com a sua assinatura, para evitar falsificações.

No entanto, o primeiro método de identificação usado pela polícia da Europa e dos Estados Unidos foi criado em 1880 pelo francês Alphonse Bertillon. O sistema Bertillon baseava-se em complicadas medições do corpo, como o tamanho da cabeça, o do pé esquerdo, do braço esquerdo, do dedo mínimo do mesmo lado, etc. Todos esses dados eram lançados numa ficha, onde também figurava a fotografia do criminoso. Em que se baseava tal sistema, que parecia excelente? Na convicção de que não existiam duas pessoas com o mesmo aspecto e iguais dimensões físicas.

Todos os peritos da polícia estavam

muito convencidos da eficiência do método e continuariam a usá-lo, se, inesperadamente, em 1903 não se desse na Penitenciária Federal de Leavenworth, no Kansas, um caso estranho. perante os serviços de identificação dessa penitenciária compareceu o negro Will West, para ser medido e fotografado.

— Parace-me que já te vi antes — disse o funcionário que procedia à identificação. — Não temos já a tua ficha? — Não, senhor — respondeu o negro. — Nunca cá estive...

O empregado mediu o preso segundo o sistema Bertillon e registou as medidas no arquivo. Pouco depois, encontrava uma ficha em nome de William West. As medidas eram virtualmente idênticas às que acabava de obter. O rosto da fotografia parecia a imagem exacta do homem que tinha na sua frente. A acreditar na fotografia e nas medidas, Will West e William West eram a mesma pessoa.

— É parecido comigo... — concordava Will West quando lhe mostravam a fotografia. — Mas eu nunca estive nesta prisão...

Pouco depois provava-se que o negro não mentia. Porque, a essa mesma hora, o seu sócio, William West, estava noutra cela da mesma penitenciária de Leavenworth, cumprindo pena de prisão perpétua.

Naturalmente, o caso provocou grande celeuma nos meios policíacos americanos. Um ano antes, em 1902, já a Scotland Yard tinha substituído o método Bertillon pela dactiloscopia, segundo um sistema elaborado por Sir E. R. Henry. E os Estados Unidos decidiram seguir o mesmo método.

A dactiloscopia começou então a ganhar popularidade. O Estado de Nova Iorque adoptou-a em 1903 para o presídio de Sing-Sing e mais tarde para outros estabelecimentos prisionais. Depois, foi o Exército que começou a arquivar as impressões digitais dos seus homens, logo imitado pela Marinha.

Os trabalhos cresciam num ritmo desmesurado, de tal modo que, em 1956, os Estados Unidos empregavam nesse serviço 12 000 postos de identificação. O registo de impressões digitais tomou as proporções de um grande arquivo nacional. Mas — o imprevisto acontece — logo apareceu quem pretendesse ver nesse programa de Hoover — identificar pela dactiloscopia criminosos ou pessoas honestas — houve logo, diziamos, quem quisesse ver nisto uma manobra disfarçada para conduzir o país à supressão dos direitos civis de cada um. Um dos ataques mais directos deu-se em 1938, sob a forma de um panfleto espalhado por todo o país e que tinha por título «Polegares abaixo!». Passagens cómicas que não faltam sequer nos assuntos mais sérios...

Mas a campanha da dactiloscopia não parou por tão pouco. Em meados de 1956, o F. B. I. tinha arquivadas 141 231 773 impressões digitais, tanto de delinquentes como de gente honesta. Uma das fichas, particularmente interessante, tem a seguinte classificação:

15 M 9 R 000 18.
L 19 W 000

É a ficha dactiloscópica do presidente Eisenhower.

Para que nem tudo sejam números áridos e impessoais, contemos alguns

casos mais ou menos pitorescos resolvidos graças às impressões digitais, como aquele de um habitante de Wisconsin que solicitou o auxílio do F. B. I. para localizar um irmão que não via há trinta e três anos. O registo dos arquivos de identificação pessoal permitiu encontrar a ficha de um homem que em tempos

pedira trabalho numa fábrica de material de guerra. Essa ficha incluía a direcção do homem, em Milford, Connecticut. Foi logo enviada ao habitante do Wisconsin que solicitara a busca. Dias depois, o F. B. I. recebia uma carta deste: «Fiz uma chamada telefónica para o endereço que me deram. Foi meu próprio irmão que atendeu. Era a primeira vez, em trinta e três anos que lhe ouvia a voz... Os senhores fizeram mais por mim num só dia, do que eu pude conseguir em dois anos de investigações, seguindo pistas que não conduziam a parte alguma».

Em 1948, determinado indivíduo concorreu ao lugar de Chefe da Contabilidade da Comissão de Energia Atómica. Os antecedentes que ele próprio relatava eram notáveis. Mas a ficha dacti-

loscópica permitiu descobrir que o pretendente tinha à sua conta várias condenações por furto e tentativa de roubo. Naturalmente... ficou sem o lugar.

Em 29 de Outubro de 1943, a polícia de Miami Beach enviou ao F. B. I. as impressões digitais de certa mão direita, encontrada... no estômago de um tubarão apanhado naquela zona. Cotejaram-se as impressões digitais com as do pessoal dos navios afundados nas águas da Florida. E provou-se que pertenciam a um infeliz texano alistado na Reserva Naval dos Estados Unidos, que morrera no naufrágio do seu navio.

Mas casos como estes são às centenas e cada dia que passa surgem outros, a provar a incontestável utilidade das impressões digitais.

Asterix O GUERREIRO GAULÉS



APRENDA RADIO TELEVISÃO

PELO NOSSO COMPLEXO TÉCNICO PRÁTICO POR CORRESPONDENTE E ECONOMIZANTE E EM POUCO TEMPO

TUDO O MATERIAL QUE VOS NECESSARIE PARA LER A ENTREGA

PREÇO O FOLHETO GRÁTIS E ILUSTRADO ANTES ANTES ESCOLA DO SÉCULO XXV E INVENTOS USUÁRIOS

RADIO ESCOLA

Director
Álvoro Torreão
Aparado 81 - N.
R. Fernão Lopes, 8 - LISBOA
Telef. 43136

OS caminhos da RADIO E TELEVISÃO

Hoje, estava disposto a continuar a falar-lhes de como se criam ruidos através dos microfones e a oferecer-lhes mais uma curiosa «coleção».

O Carlos Alberto possui um gravador, mas ainda não tem gira-discos. Está, no entanto, esperando que de este ano, por motivo do seu exame do 5.º ano, o pai lhe ofereça um.



tenham encontrado uma música que se adapte perfeitamente ao texto escolhido e que os ruidos sejam de tal facilidade que, enquanto lêem, pouco se distraiam com eles.

isso ponham livros uns sobre os outros e, sobre eles, o microfone. Em cima da mesa colocam uma chávena, um pires e uma colher de chá.

Ficam, portanto, com duas fontes sonoras preciosas: A música ambiente e o ruído característico que utilizarão de vez em quando não abusando muito dele, nem fazendo tilintar demasiado a chávena, o que seria feio...

provocando um tilintar discreto com a colher.

Chegando ao fim, ouvem o trabalho. Se não gostarem, fazem-no de novo... Gostaram... Deixam ficar e à noite, quando o pai chegar a casa, fazem-lhe a surpresa. Reunem a família e mostram o trabalho com prazer. Verão que o pai dará a prenda por bem empregada!

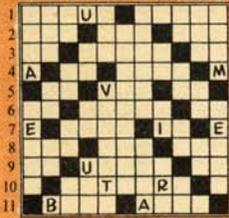
ao locutor, ao montador e aos actores.

A crítica é sempre aconselhável, mas que seja construtiva! As sugestões sobre um trabalho são quase sempre vantajosas. A tua ideia do concurso é magnífica, mas por enquanto ainda é cedo, porque não estou suficientemente esclarecido acerca do interesse dos leitores por esta nova matéria que o «Foguetao» me encarregou de tratar.

À PROCURA DE UMA PALAVRA

10

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



Horizontais: 1 Peça lisa de madeira; planeta que habitamos. 2 Ena; a parte da cozinha onde se acende o fogo; ilha do Atlântico. 3 Figurava; corte de terreno para comunicação de mares;atedral. 4 Ruim; parentes. 5 Tecido fino como escumilha; chegar; transtornar. 6 Pedestal; lança secundário de estrada ou caminho de ferro; pertences. 7 Água congelada; negação (prefixo). 8 Espaço de tempo que decorre entre o nascer e o pôr do Sol; eia; doença. 9 Rádio (símb. químico); unificara; isolado. 10 Pessoa baixa e gorda. 11 Superfície, sobre a qual assenta um corpo; sala, em que se recebem lições.

Verticais: 1 Rede das aranhas; o primeiro Papa. 2 Encarregada da educação de crianças filhas de reis; estuda; passava. 3 Bário (símb. químico); pedra de moinho; gálio (símb. químico); parte mais larga da enxada. 4 Aqui; criminosa; grito de dor (pl.). 5 Fileira; que tem força. 6 ...X... 7 Atração; forma popular de «rà». 8 Naquela lugar; moeda chinesa; sapo do Amazonas. 9 Reis (abrev.). 9 Nota musical; dois mil romanos; alumínio (símb. químico). 10 Chefe abexim; parte do navio que fica entre a popa e o mastro; carta de jogar. 11 Acolá; estampilhas.

SOLUÇÃO DO N.º ANTERIOR



Passatempos

CADA QUAL COM SEU IGUAL

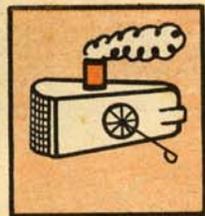
Estes doze pares foram convidados para um baile. Mas o entusiasmo era tal que, ao fim de uma hora, já era difícil dizer por que ordem tinham entrado — devidamente emparelhados. Querem tentar reuni-los?



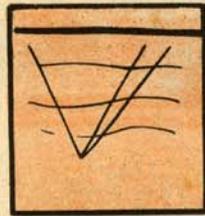
SOLUÇÃO — Os pares agenciaram-se pela ordem seguinte: 1-8; 2-15; 3-10; 4-19; 5-20; 6-22; 7-18; 9-23; 11-16; 12-21; 13-17; 14-24.

INTERPRETEM ESTES DESENHOS

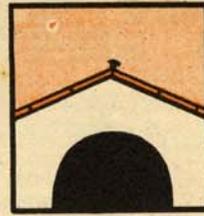
(COM UM POUCO DE FANTASIA E DE BOM HUMOR)
Olhem bem estes esquisitos desenhos, deixem-se transportar pela fantasia e, depois, escrevam por baixo aquilo que julgam ver. A definição deve ser... Bom! Não tomem o caso muito a sério. Depois confrontem as definições que deram com as da «lista oficial».



1



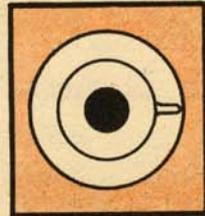
2



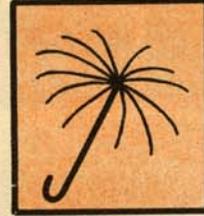
3



4



5



6

SOLUÇÃO

1. Uma máquina de barbear a vapor — 2. Uma pirâmide refletindo-se no Nilo — 3. Pólvora — 4. Uma chiverna com café (só no fundo) — 5. Chapéu de chuva para dias em que não chove.

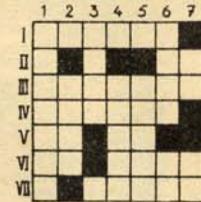
NÃO É TÃO SIMPLES COMO PARECE...

São capazes de escrever o número 134 498 697 empregando apenas uma vez os algarismos significativos, pela sua ordem natural e quatro vezes o sinal +?

SOLUÇÃO

1 + 2 + 4 + 6 + 7 + 8 = 134 498 697
Façam as contas:
1 + 8 + 1 024 + 279 936 + 134 217 728 = 134 498 697.

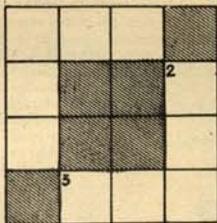
MOTS CROISÉS



HORIZONTAIS:
I — PORTO FRANCÉS
II — CONJUNÇÃO
III — ABELHA
IV — AVIADOR QUE FEZ A PRIMEIRA TRAVESSIA DO MEDITERRÂNEO
V — ARTIGO DEFINIDO (AO CONTRÁRIO); POSSUÍDO
VI — ESTOJO (METADE DA PALAVRA); NINHOS
VII — TERMINOU

VERTICAIS:
1 — ENEVOADO
2 — ILHA DO ARQUIPÉLAGO DE SONDA
3 — NEGAR
4 — NOME FEMININO
5 — NOME MASCULINO
6 — SAIS; DEUSA (LENDO AS LETRAS)
7 — CONJUNÇÃO (AO CONTRÁRIO); SUA

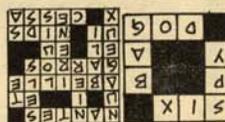
CROSSWORDS



HORIZONTAIS:
1 — SEIS
3 — CÃO

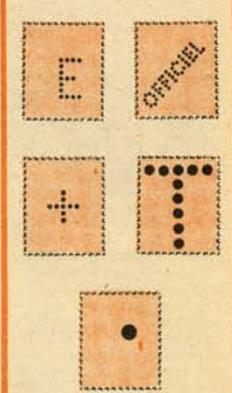
VERTICAIS:
1 — ESPILHO
2 — MALA

SOLUÇÕES



por HENRIQUE MANTERO

Há perfurações nos selos, que os invalidam totalmente. Estas, são umas perfurações de casas comerciais que as usam para controle no seu pessoal e que constam das iniciais das firmas ou simples distintivos. Estes selos quando nos aparecem, assim perfurados, não se aproveitamos. No entanto, há perfurações, em vários países, que são oficiais e têm valor, como algumas que damos como exemplo, sendo sempre conveniente consultar os catálogos.



No nosso país há uma obliteração telegráfica que é uma perfuração em forma de estrela e que tem valor, mesmo sem cotação nos catálogos. Aparece em selos de D. Luis, na «fita direita» e «frente».

NOVIDADES

ISRAEL



DESPORTOS

CORREIO DOS FILATELISTAS

João Costa — Fala-se em futuros catálogos com três colunas de preços: 1. — Novos, goma na íntegra; 2. — Novos com sinal de carneira; 3. — Usados. Até agora não há qualquer desvalorização oficializada.



— Bom! Descanse, sr. Silva! Terá o aumento de ordenado que pediu...



O CHARUTO DO FAQUIR

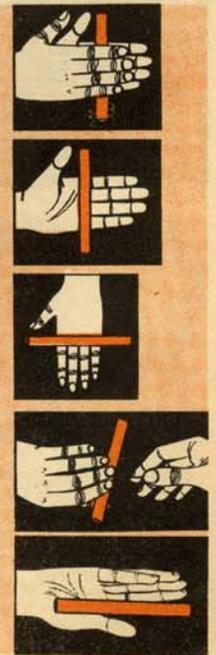
Antes de começar este truque, é preciso — naturalmente! — ter um charuto. Mas isso decerto não será muito difícil de conseguir. De posse do charuto, rolem-no por momentos entre as mãos, como para o aquecer. E o público vê-lo-á, como por encanto, colado entre os dedos estendidos de uma das mãos. Tornem a unir a unir as mãos por um instante e quando de novo as separarem, o charuto terá passado para os dedos da outra mão. Também poderão mantê-lo nas costas da mão e dar-lhe todas as inclinações que desejarem. Finalmente, entregarão o charuto... intacto ao seu proprietário. Que lhes parece? É uma ilusão espectacular. Sim! Mas como se faz para a realizar? É o que vamos ver.

Reparem que é de uma simplicidade extrema. Na mão direita esconde-se um alfinete curto e fino para não estragar o charuto (alfinete cuja existência os espectadores deverão, naturalmente, ignorar). Pegam no charuto com a mão esquerda e, quando o transportam de uma das mãos para outra, espetam-lhe (sempre sem o público dar por isso) o alfinete no meio. Segurando a cabeça do alfinete entre os dedos indicador e médio, poderão mostrar o charuto aderindo miraculosamente aos dedos.

Para o mudar de mão, façam-no rolar, o que levará o alfinete ao ponto requerido para ser de novo preso entre os dedos.

Este é o tipo-base da experiência, que precisa de ser repetida em frente do espelho até a ilusão ser perfeita. E é só a partir desse momento que a poderão mostrar aos amigos.

Um bom ilusionista — não se esqueçam — só se faz à custa de muito trabalho e de muitíssima paciência.



Para os mais velhos: O «CAVALEIRO ANDANTE»
E os seus ÁLBUNS MENSIAIS
Para os mais novos: O «JOÃO RATÃO»
Populares edições juvenis e infantis da EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE

A ILHA DA TARTARUGA



Francisco Nau era o mais cruel de todos os bucaneiros. Teve a morte que deu a muitas das suas vítimas

NO silêncio do amanhecer, a primeira bala partiu com um ruído medonho. O telhado de duas casas foi arrancado. Um terceiro casa, feita de tábuas, desabou sobre os seus habitantes como um castelo de cartas derrubado por um sopro.

— Alerta! — gritou a sentinela inglesa.

— Alerta! — gritou a sentinela inglesa. Mas era tarde, porque já os franceses desembarcavam das chalupas. Estavam vestidos com peles mal curtidas e lãs grosseiras. Alguns brandiam archotes e mosquetes. Outros corriam, empunhando espadas curtas e com a coronha da pistola luzindo à cintura. Um gigante zarolho, com a cabeça envolta por uma tira de pano vermelho e com argolas de ouro nas orelhas, fazia revoltar um machado de abordagem.

Das casas saía gente. As mulheres choravam de alegria. Os homens riam. Ouviu-se gritar:

— Vivam os franceses! Deus os abençoe! Os ingleses disparavam sem convicção, recuando para a floresta vizinha. Muitos erguiam os braços. Alguns, mesmo, pactuavam já com os assaltantes. Em breve, no telhado da casa mais alta ondulou ao vento a bandeira branca

com a flor de lis, saudada por vivas e aclamações.

Foi assim que, a 30 de Agosto de 1640, sessenta e quatro bucaneiros franceses, comandados por um nobre protestante, o senhor de Le Vasseur, tomaram de assalto o porto de Basse-Terre e se apoderaram da ilha da Tartaruga, que ia tornar-se, durante meio século, o quartel-general dos flibusteiros e a capital da terrível Companhia dos Irmãos da Costa.

OS BUCANEIROS, CAÇADORES FERIZES

Os piratas tinham assim designado aquela ilha de 50 quilómetros de comprimento por 15 de largura, porque, nas suas mal desenhadas cartas geográficas, ela apresentava a forma de uma tartaruga. Ao centro da ilha, as colinas arborizadas formavam uma espécie de carapaça arredondada. Mas à frente, um triângulo de terra parecia a cabeça pontiaguda de uma tartaruga. À retaguarda, dois cabos faziam lembrar as patas.

Estava situada 10 quilómetros a nordeste da ilha de S. Domingos, que por essa época se chamava Hispaniola, e perto da rota dos navios que regressavam da América carregados de riquezas. No entanto, não foram os piratas os primeiros a instalar-se ali, mas os bucaneiros e os agricultores franceses especializados na cultura do tabaco.

Os bucaneiros eram caçadores de bois selvagens e de javalis, cuja carne fumada consumiam e vendiam. Era uma técnica de conservação que tinham aprendido com os primeiros habitantes das Caraíbas. Apenas com a pequena diferença que estes a utilizavam para conservar a carne dos seus prisioneiros de guerra, porque eram canibais!

Os bucaneiros eram colossos ferozes, vestidos de tecidos grosseiros, envernizados com o sangue dos animais que matavam. Dotados de uma força hercúlea e de uma resistência a toda a prova, viviam meses e meses na selva e traziam sempre uma tenda enrolada em volta do corpo. Os seus maiores inimigos eram os espanhóis, os caríbas, os mosquitos. Muitos dos bucaneiros franceses eram originários de Calais ou de Dieppe, e as suas manhas no combate particu-

larmente receadas pelos adversários. Certo dia um deles, ao atravessar uma savana, viu-se apanhado de surpresa por um grupo de espanhóis a cavalo. Pensou fugir para o bosque a procurar refúgio, mas a distância a que se encontrava era grande e decerto seria logo apanhado. Então, apontando a espingarda, correu para os espanhóis, enquanto gritava:

— A mim! A mim! Os assaltantes, julgando que muitos outros bucaneiros estivessem nas moitas, e receosos das suas violências, fugiram. Então, o homem meteu a grande velocidade em direcção ao bosque, onde se ocultou.

OS FLIBUSTEIROS, TERROR DOS MARES

Os «camponeses» — a quem chamavam «habitantes» — pouco menos terríveis eram... Quando Le Vasseur tomou a ilha, já eles contavam no seu activo longo tempo de opressão e mesmo de expulsão, tanto da parte dos espanhóis como dos ingleses. Estabeleceram-se quase sempre ao longo da costa, porque precisavam de água a fim de lavarem o tabaco.

Para obterem um campo, largavam fogo à floresta, no sítio que tinham escolhido. Para se alimentarem, cultivavam batata doce, ervilhas e mandioca. A floresta fornecia-lhes bananas e figos. Depois, plantavam tabaco e, consoante os meios económicos lho permitiam, iam comprando escravos.

Mas as personagens mais extraordinárias eram, decerto, os flibusteiros. O nome vem-lhes de um velho verbo inglês «flybust», que significa «agarrar a presa correndo». E, de facto, os flibusteiros realizavam os seus assaltos a grande velocidade...

Começavam geralmente por organizar um grupo de vinte homens, todos bem armados de espingarda, duas pistolas, um sabre de abordagem de lâmina curta e larga, e uma faca. Escolhiam um chefe, combinavam a distribuição das presas e as taxas das diferentes indemnizações, um pouco à maneira dos actuais seguros de acidentes de trabalho: por um olho perdido, o sinistro recebia 100 escudos-ouro ou um escravo; dois olhos valiam 600 escudos ou seis escravos, e a mesma indemnização era

concedida a quem perdia as duas mãos. Tudo isto ficava escrito num pergaminho que era assinado pelo capitão, os oficiais e os representantes da tripulação. Depois disso, faltava apenas encontrar um navio, o que não era o mais fácil. A técnica geralmente empregada no ataque fora inventada por Pierre Legrand, que se metera com 28 homens a bordo de um barco rudimentar, escavado num tronco de árvore. Depois, tinham-se escondido nas pequenas enseadas ao longo da rota dos navios que regressavam da América. Foi assim que, ao fim de uma semana, durante a qual por pouco não morreram de fome, viram surgir uma frota. Mais atrás, a certa distância, um galeão isolado. Era ao fim do dia, na hora em que a noite desce bruscamente, como sempre acontece nas regiões tropicais.

— Vamos! — disse Pierre Legrand. — Dentro de duas horas, ou o navio é nosso ou estamos todos mortos!

Os remos foram emburalhados em trapos. Em silêncio, o barco afastou-se da costa e deslizou atrás do galeão espanhol. Entretanto, Legrand tinha ordenado ao cirurgião Esquemelin que furasse o fundo da embarcação.

— Para quê, capitão? — Para que todos fiquem com a certeza de que o regresso é impossível. Temos que vencer ou morrer!

Na sombra encostaram-se ao galeão. A sua «semi-piroga» estava já cheia de água. Sem ruído, atrás de Pierre Legrand, os 28 piratas escalaram o casco do navio. E então um grito cortou os ares:

— À abordagem! O almirante e os oficiais, que estavam jogando as cartas, foram capturados. Mortos os marinheiros que resistiram. Minutos depois, os franceses estavam senhores do navio e, ao abrigo da noite, tomavam rúmo oposto ao da frota.

Foi da mesma forma que os mais célebres flibusteiros da Tartaruga — François Le Clerc, o Perna de Pau, François Nau, a quem chamavam

Olonnais, por ser natural de Sables-d'Olonne, e que era o mais cruel de todos, Miguel, o Basco, e, principalmente, Alexandre, o Braço de Ferro, que foi um grande chefe — constituíram a sua frota.

Essa frota serviu-lhes para duas modalidades de expedições. Por um lado, a abordagem no alto mar; por outro, o ataque às cidades que os espanhóis tinham construído no continente ou em Cuba. François Nau tomou Maracaibo; o inglês Lewis Scott pôs Campeche a saque; Morgan, o rei das Caraíbas, fez razias na costa das Honduras.

O FIM DOS IRMÃOS DA COSTA

Todos ou quase todos levavam as suas presas para a ilha da Tartaruga, onde a festa durava até se acabar o dinheiro proveniente da venda das presas. Porque havia quem fosse da Europa comprar aos flibusteiros ouro, pérolas, corio, pau de campêche, cacau, tabaco, tudo roubado aos espanhóis que, por sua vez, já tinham roubado os índios.

Essa base de operações foi-lhes, porém, tão funesta, que os espanhóis perseguiram até ao fim do século os habitantes da ilha da Tartaruga e, em 1695, os Irmãos da Costa viram-se obrigados a emigrar para a Jamaica, onde reinava o rei da pirataria: Morgan!

Mas os flibusteiros não tinham desaparecido. E só deviam desaparecer quando cessou o tráfico entre a América e a Espanha.

Hoje, a ilha da Tartaruga pertence à ilha de S. Domingos. É uma região tranquila, que produz bananas e tabaco de que se fazem excelentes cigarros.

Mas, nas águas profundas que a rodeiam, na base dos recifes de coral, dormem os galeões afundados que arrasaram no seu naufrágio homens demasiadamente ávidos de ouro e dos seus cintilantes tesouros.

Esta imagem representa os flibusteiros pescando a tartaruga, mas a ilha que lhes servia de abrigo deve o nome à sua forma (ver pág. 12): a de uma tartaruga



aqui RADIO-FOGUETÃO

RÁDIO DE UM E DOIS TRANSISTORES

O interesse suscitado pela montagem do rádio de um transistor, cujos dados foram publicados no n.º 2 do nosso jornal, sugeriu-nos a ideia de apresentar na nossa secção um novo esquema. Tivemos o cuidado, ao elaborar este novo circuito, de aproveitar a totalidade do material com que se construiu

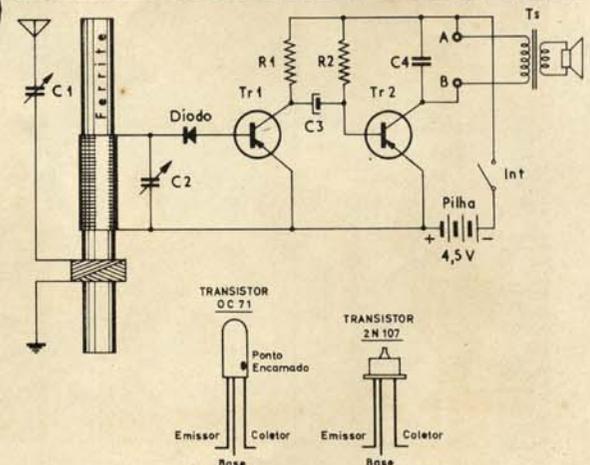
o anterior aparelho. Neste segundo esquema, limitamo-nos a adicionar umas quantas peças, incluindo um alto-falante, uma vez que o rendimento deste aparelho é suficiente para o accionar.

Os esquemas hoje apresentados são suficientemente explícitos. Todavia,

aconselhamos os nossos estimados leitores a consultar algumas das instruções dadas no artigo publicado no n.º 2 do «Foguetao».

Nas experiências efectuadas com esta montagem, foi possível ouvir, dentro da área de Lisboa, todas as estações locais e usando-se antena exterior. Nos anda-

NO PRÓXIMO NÚMERO APRESENTAREMOS UMA REPORTAGEM SOBRE LASSA



res altos, com antena interior de 2 a 5 m, foi também possível a recepção em alto-falante.

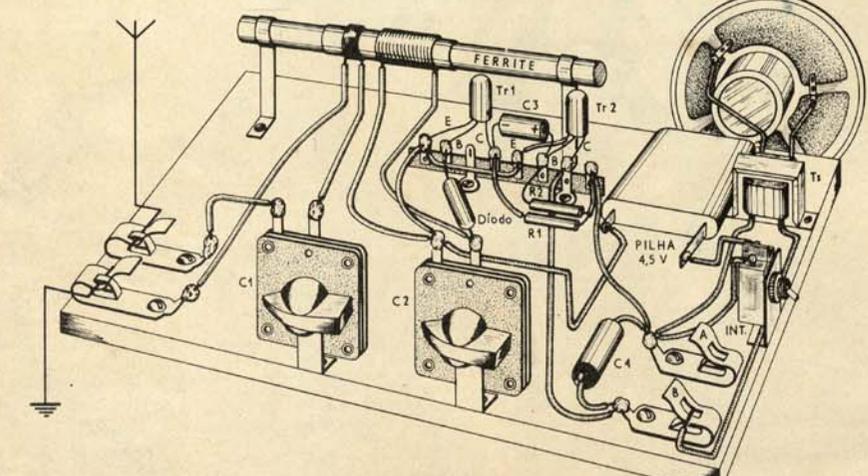
Estamos certos de que estas marcas podem ser ultrapassadas nos pontos do país usando antenas e tomadas de terra, uma vez que a boa recepção não é obtida apenas nos locais servidos por emissores.

esta segunda montagem, aos seguintes preços líquidos:

- Resistências R1 e R2, cada ... 1500
- Condensador C3 ... 7500
- Transformador Ts ... 27550
- Alto falante de 4 polegadas ... 60500

Independente das outras peças utilizadas no primeiro esquema, temos mais as seguintes: Resistências R1 e R2, respectivamente dos valores de 3 000 e 100 000 ohms. Condensador electrolítico C3 com a capacidade de 10 microfarádios e isolado a uns 10 volts. Transferidor de saída Ts com cerca de 7 000 ohms. Quanto ao alto-falante, podemos utilizar um de 4 polegadas.

Como já foi dito no n.º 2, a Rádio Escola, terá todo o prazer em fornecer as informações técnicas que lhe solicitem. Igualmente se informa que está apta a fornecer as peças adicionais para



A ILHA DA TARTARUGA



de pele de porco. (39) «Flibusteiros» que, em geral, se vestiam à custa dos prisioneiros espanhóis: as suas armas eram o sabre de abordagem (40) e a pistola de pedreira (41). (41 B) Navio aparelhado. (42) Presa espanhola. (43) Barco de cabotagem.

B. Um «flybpt», navio de concepção holandesa, especial para os flibusteiros, de onde se diz que estes tiraram o seu nome. (44) Mastro de mezena; no alto o pavilhão de comércio francês. (45) Vela do papagaio. (46) Vela da mezena. (47) Cevadeira. (48) Vela grande. (51) Bandeira tricolor dos flibusteiros. (52) Chalupa. (53) Prisioneiros espanhóis. (54) Presa. (55) Pequeno barco. (56) «Um ataque típico dos flibusteiros»: os aventureiros, vindos num pequeno barco, entram no navio, pelas portinholas da popa (57).

TARTARUGA CENTRAL

1. Situada dez quilómetros ao Norte de S. Domingos, a ilha da Tartaruga nunca teve mais de 2 a 3 mil habitantes. (1) Rosa dos ventos. O Norte é indicado por uma flor de lis, à moda antiga.

A. A ILHA DA TARTARUGA

(2) Parte arborizada e desabitada, domínio dos bucaneiros que aí caçavam o boi selvagem (3) e o javali. (4) A carne era seca ao fumo (5) sobre uma «barbacoa». (6) Os coiros eram exportados para a Holanda. (7) Um bucaneiro esperando a caça. (8) A casa do Governador com o seu mastro de vigia. (9) e (10) O forte da Rocha. (11) O caminho da Terra Baixa.

LOCAIS HABITADOS DA ILHA: (12) Montanha. (13) e (14) Lugarejos. (15) Plantação. (16) Cayonne. (17) A igreja, frequentada especialmente antes da partida de uma expedição. Os flibusteiros iam a pedir à Virgem que lhes desse boas presas. (18) Torre de pedra do «porto novo» que nunca foi acabado. (19) O burgo da Terra Baixa. (20) Armazens de viveres e de aprestos marítimos. (21) Cabo dos Pedreiros. (22) Caps-

terra, o «bairro da terra excelente», mas onde os habitantes se viam reduzidos a recolher a água da chuva (na ilha da Tartaruga, a água sempre foi rara). (23) Desembarcadouro. (24) Bateria que protegia a enseada. (25) Costa de Ferro (toda a costa da Tartaruga é rochosa, de difícil acesso e cortada por pequenas calhetos de areia). (26) Enseada. (27) Banco de recifes que protege a enseada.

OS OCUPANTES DA ILHA: (28) Habitantes dedicando-se à cultura da cana do açúcar. (29) e do tabaco (30) que, exportados para a Europa, permitiam adquirir armas e munições. (31) «Contratados»: emigrantes europeus cedidos aos aventureiros por determinada quantia durante certo número de anos e tratados como verdadeiros escravos. (32) «Bucaneiros», caçadores da parte Norte da ilha, com o seu cão (33).

EQUIPAMENTOS DO BUCANEIRO: (34) Chapéu com a aba em viseira. (35) Cartucheira. (36) Espada especial para os aventureiros. (37) Polvorinho. (38) Sabre curto chamado «lingua de bois», antepassado do sabre dos cortadores de cana de açúcar. Os bucaneiros usavam blusa e calções de algodão e sapatos



FOGUETÃO